

# Carta a Laura Cereta

JOSÉ QUARESMA

“In addition, I, who have always held virtue in high esteem and considered private things as secondary in importance, shall wear down and exhaust my pen writing against those men who are garrulous and puffed up with false pride. I shall not fail to obstruct tenaciously their treacherous snares. And I shall strive in a war of vengeance against the notorious abuse of those who fill everything with noise, since armed with such abuse, certain insane and infamous men bark and bare their teeth in vicious wrath at the republic of women, so worthy of veneration.”<sup>1</sup>

“Cereta probably heard the expression *respublica literaria* in the academic circles that welcomed her only reluctantly. Her allusion to a ‘*muliebris respublica*’ accentuates women’s exclusion from the other highlights the similarity of interests and concerns that unite women, such as their fight against slanderous and abusive men.”<sup>2</sup>

## Boa noite Laura Cereta

Quero falar da *Respublica literaria* e não consigo fazê-lo sem antes passar por ti, pela maneira como pugnaste pelo direito a um espaço nos alvares do espaço pú-

1 Laura Cereta, *Collected Letters of a Renaissance Feminist*, ed. e tr. de Diana Robin, Chicago, The University of Chicago Press, 1997, p.80.

2 Paola Malpezzi Price, “Women and knowledge in Italy and Venice during the early modern period”, in *Women and Knowledge in the Mediterranean*, Fatima Sadiqi, (ed.), Nova Iorque, Routledge, 2013, p.31

blico, pelos teus intensíssimos 30 anos de vida dedicados a uma *respublica literaria* que, antes de tudo, está plena de *urbanitas*, no sentido em que esta dimensão de urbanidade integra o *humanismo* que passámos a conhecer a partir de Petraca, mas também outras expressões do *humanismo* que tu, Christiana de Pisan, Isotta Nogarola, Cassandra Fedele, Sofonisba Anguissola e outras, souberam corajosamente riscar na linha de horizonte do Renascimento. Não consigo falar de *República das Letras*, tanto nas suas aparições pretéritas, como na apropriação contemporânea da mesma, sem que esta se complete e enriqueça com os esforços destas mulheres, robusteça com os teus esforços. Daí ter trazido a este texto um tom epistolar e intimista. Um pouco pretensioso, é evidente.

Sobre a troca epistolar entre vós e a possibilidade de terem lido *Le livre de la cité des dames*, 1404, de Christiana de Pisan, a autora Paola Price faz a seguinte afirmação: “Did French and Italian women writers in the fifteenth and sixteenth centuries read de Pizan’s works? Thanks to the lively intellectual and personal exchanges among French intellectuals as well as between Italy and France, we may assume that they knew, directly or indirectly, some of her writings. In Italy, de Pizan’s immediate successors were humanist scholars such as Isotta Nogarola, Cassandra Fedele, Laura Cereta, Cecilia Gonzaga, and Maddalena Scrovegni. These women, writing mainly in Latin, were either rejected or reluctantly tolerated by the male humanists of their towns or academic circles. Often they had to refuse accusations of plagiarism, as their male counterparts refused to believe that any woman could write the eloquent and elegant Latin letters and orations that they produced.”<sup>3</sup>

Não é possível para nós, pessoas do séc. XXI à procura de uma reativação momentânea da *Respublica Litteraria*, desenvolver um sentimento de *empatia* (por mais que Husserl nos indique a modalidade fenomenológica para tal realizar) que capte uma só franja da indignação que estas acusações te causaram, mesmo que ao ler-te pareça sentir tudo isso na pele como problema meu. Ah! E ainda aquela medonha agravante de nós sabermos que entre outras motivações subjacentes a estas acusações cala fundo a espúria ideia: *Nullam eloquentum casta esse* (*nenhuma mulher instruída é casta*), como terão dito de Isotta Nogarola e pensado inúmeras vezes de ti!

Que cartas li eu que nos tenhas legado? Li devotadamente (e dei a ler) aquilo que escreveste a Bibolo Sempronio no dia 13 de Janeiro, em 1488.

“Your complaints are hurting my ears, for you say publicly and quite openly that you are not only surprised but pained that I am said to show this extraordinary intellect of the sort one would have thought nature would give to the most learned of men — as if you had reached the conclusion, on the facts of the case, that a similar girl had seldom been seen among the peoples of the

3 *Ibidem*, p.29.

world. You are wrong on both counts, Semproni, and now that you've abandoned the truth, you are going to spread information abroad that is clearly false. I think you should be deeply pained — no, you should actually be blushing — you who are no longer now a man full of animus but instead a stone animated by the scorn you have for the studies that make us wise, while you grow weak with the sickness of debilitating leisure. And thus in your case, it is not nature that goes astray but the mind, for which the path from the appearance of virtue to villainy is a fairly easy one.”<sup>4</sup>

Aqui os nossos amigos do Carmo e do Chiado que nos perdoem e deixem passar mais um pouco da qualidade e força da tua interpelação:

“Shall we attribute illiteracy to Theban Manto, the prophesying daughter of Teresias, and to Pyromantia, too, who was full of those Chaldean arts when she spoke with the shades of the dead and foretold events in the future through the movements of flames, the flight of birds, and the livers and entrails of animals? [...] The little Greek women Phylisias and Lasthenia, brilliant lights in the world of letters, inspired me enough when they mocked the students of Plato [...]. Nor would I omit here Proba, noted both for her exceptional tongue and her knowledge; for she wove together and composed histories of the Old Testament with fragments from Homer and Virgil.

The majesty of the Roman state deemed praiseworthy a little Greek woman, Semiramis, for she spoke her mind about the laws in a court of law and about kings in the Senate. Pregnant with virtue, Rome bore Sempronia who, forceful in her eloquent poems, spoke in public assemblies and filled the minds of her audiences with persuasive orations. [...] I will not mention here Cicero's daughter Tulliola, Terentia, and Cornelia, Roman women who reached the pinnacle of fame for the breadth of their knowledge; and accompanying them in shimmering light of silence will be Nicolosa of Bologna, Isotta of Verona, and Cassandra of Venice.

All history is full of such examples. My point is that your mouth has grown foul because you keep it sealed so that no arguments can come out of it that might enable you to admit that nature imparts one freedom to all humans equally — to learn.”<sup>5</sup>

4 Margaret King, (ed.) *Renaissance Humanism. An Anthology of Sources*, Cambridge, Hackett Publishing Company, 2014, pp. 276-277.

5 *Ibidem*, pp. 278-279.

As *Cartas à Posteridade*<sup>6</sup>, se chegam de alguma maneira a mim, uma vez sentidas como relevantes, não ficam sem resposta. Ganhei esta vontade pela primeira vez na intimidade da leitura das *Cartas de São Paulo aos Coríntios*, com as quais me envolvi para além de todos os desníveis de tempo e credo, nomeadamente a Carta em que São Paulo nos indica a não necessidade de ver para se ter, isto é, a apologia do ver por enigma, por intermédio da simbolização, desfazendo a distância insuperável em relação a uma potência ou ente muito desejado, assumindo desta forma o vazio da temporalidade que só suportamos usando e abusando da mediação artística.

Como poucos, passe a presunção deliberada, tenho a viva noção de duas aparentes fragilidades: (1) escrever para tão longe, para 1489, pode significar um gosto mórbido pelo exílio, logo, uma evasão do presente, das pessoas e das situações que o caracterizam. Parece-se, assim, com cobardia moral e pusilânime desistência de querelas com a gente do agora. (2) Escrever lá tão para trás, mais de 500 anos, é também exercício que arrisca excessivamente na ingenuidade que se nutre na erudição da *Rinascitas*, querendo-se imitar Petrarca nas suas Epístolas a Cícero, Horácio, Quintiliano, outros, inclusivamente na sua célebre epístola à posteridade à qual já aqui aludi.

Sucedo que não estando eu em condição de poder ajuizar as razões mais recônditas que me conduziram a ti e a Bréscia, escrevendo-te estas coisas semi-ensandecidas, sei pelo menos que esta ingenuidade foi “ruminada” como diz Merleau Ponty dos pintores e dos estetas (acho que adorarias conhecê-lo), e tendo sido ruminada, isto é, reflectida com tempo e placidez, está por mim mesmo atenuada. Sinto também que a ligação que te faço não se desenvolve fora de uma preocupação permanente de interpelação dos meus contemporâneos, algo que se vai notar muito na segunda parte desta carta. Acho, portanto, que os dois motivos que poderiam indiciar fragilidade intencional da minha parte, se não são de excluir, pelo menos podem ser suspensos e relegados para um plano secundário.

Referi uma situação de amor humano profundo, a 2ª *Carta de São Paulo aos Coríntios*, para justificar o meu gosto em estar para aqui a pensar na tua coragem cívica e intelectual, na tua experiência de angústia sufocante resultante do contexto

6 Alusão a uma carta de Petrarca - *Posteritati* - de carácter autobiográfico. É consabido que a iniciou antes de 1367 e reformulou alguns anos depois, cerca 1371. Deixamos aqui um excerto da mesma: “Ti verrà forse all’orecchio qualcosa di me; sebbene sia dubbio che il mio povero, oscuro nome possa arrivare lontano nello spazio e nel tempo. E forse ti piacerà sapere che uomo fui o quale la sorte delle opere, soprattutto di quelle la cui fama sia giunta sino a te e di cui tu abbia sentito vagamente parlare. Sul primo punto se ne diranno indubbiamente di varie: perché quasi tutti parlano non come vuole la verità, ma come vuole il capriccio; e non c’è misura giusta né per lodare né per biasimare. Sono stato uno della vostra specie, un pover’uomo mortale, di classe sociale né elevata né bassa; di antica famiglia, come dice di se stesso Cesare Augusto; di temperamento per natura né malvagio né senza scrupoli, se non fosse stato guastato dal contatto abituale con esempi contagiosi. L’adolescenza mi illuse, la gioventù mi travìò, ma la vecchiaia mi ha corretto, e con l’esperienza mi ha messo bene in testa che era vero quel che avevo letto tanto tempo prima: che i godimenti dell’adolescenza sono vani; e anzi me lo insegnò Colui che ha creato tutti i secoli e tutti i millenni, e che di quando in quando permette ai miseri mortali, pieni di presunzione, d’andare fuori strada, perché possano conoscere se stessi, ricordando - sia pure tardi - i propri peccati. Da giovane m’era toccato un corpo non molto forte, ma assai agile. Non mi vanto d’aver avuto una grande bellezza, ma in gioventù potevo piacere: di colore vivo tra bianco e bruno, occhi vivaci e per lungo tempo di una grandissima acutezza, che contro ogni aspettativa mi tradì passati i sessanta, in modo da costringermi a ricorrere con riluttanza all’aiuto delle lenti. La vecchiaia prese possesso d’un corpo che era stato sempre sanissimo e lo circondò con la solita schiera di acciacchi.”

de vida que te envolveu. Permite-me ainda, se tiveres paciência, pois claro, que refira uma segunda situação, neste caso um filme que me despertou, e muito, para ocorrências de escuta oracular de ecos de gente muito remota, ou seja, aqueles que nos precederam há muito e que nos comunicam por vestígios existentes ou então poeticamente presumidos. Não como São Paulo indica, pois esses são ecos divinos, mas, ecos telúricos e mundanos, que alguns disseminaram pelos territórios da mediterraneidade. Trata-se do filme *Patton*, o General George Patton dirigido por Franklin Shaffner em 1970. Nesta narrativa, agachando-se e colocando um dos joelhos no solo empoeirado, escuta-se o nosso general confidenciar a outro general que já ali estivera no tempo de Cartago e das Guerras Púnicas! Devo dizer-te, quer gostes ou não de dialogar sobre coisas bélicas, que ao imergir nessa cena considere que também eu poderia ter afirmado algo similar, uma vez investido de uma modesta parte daquela responsabilidade militar. Tudo isto, portanto, para justificar os meus fascínios por horizontes remotos e não necessariamente visíveis.

Afirmei que tinha dificuldade em circunscrever os verdadeiros motivos da vontade de me dirigir a ti. Porém, há uma história que eu tinha reservada para um livro autobiográfico (também já me tocou essa mania), a editar daqui a dez anos, mas que não posso conter por considerar que está em aberto e muito presente nesta aproximação que faço ao teu legado. Esta história, como todas as histórias fortes, é um misto de corpo ameaçado e ideias de perigo para catarses futuras. Como sempre, estas catarses que são reflexões incandescentes, nunca teriam surgido sem a experiência do medo na carne; por outro lado, os fantasmas do corpo não teriam valor de comunicação se não fossem redimensionados e projectados pela mediação que alguma filosofia moral (um campo que é da tua estima) e a comunicação ao *outro generalizado* proporcionam.

Foi num fim de tarde de 1975. Ano em que tudo foi quente em Portugal. A história é fulgurante:

Um bando de rapazes, diria vadios, entre os 7 e os 11 anos de idade, no meio dos quais eu me encontrava, deambula numa rua que subitamente se fecha de ambos os lados por gente perseguidora, tal como ainda se fazia por cá com os cães nos idos 60 e 70, ou seja, cerca-se o espaço todo com redes e só os mais ágeis (se forem só cães), ou os mais ágeis e comprometidos (se forem putos) saltavam essas barreiras erigidas. Neste caso concreto, após o acto brusco de perseguição, com a rua praticamente desertificada, fiquei só eu, os sitiantes, e o espaço que ganhou a dimensão de inimigo gigante e sombrio!

Sem culpa, não há razão para a fuga, sem culpa talvez não haja razão para o medo, pensei eu com a bendita verdura de dez anos! Mas, o medo veio à velocidade da luz, e do calor também, pois, não passou quase tempo nenhum entre a minha quietude e a terrífica ocorrência de ser colocado perante um forno a lenha (no qual se fazia pãozinho caseiro) para ser testado no curto-circuito psicológico das palavras, dos pánicos e das delações. Uma prova de fogo e calor, calculada,

pensaram os sitiantes, para “menino suportar”: ali, a pequena mas “calorosa” distância dos olhos e de outras coisas vitais, um belíssimo jogo de adultos, ultra-lesivo da sensibilidade de quem está a ser submetido. E para quê? Para que assumisse responsabilidades próprias ou alheias, para que inventasse o que não era do meu conhecimento.

Vê bem Laura a historieta que eu fui buscar para narrar em epístola, colando um episódio de rua à tua coragem e provas totais de urbanidade e cidadania. Talvez o tenha feito por também ter lido isto de ti, não sei: “I am a scholar and a pupil who has been lulled to sleep by the meager fire of a mind too humble. I have been too much burned, and my injured mind has accumulated to much passion; for tormenting itself with the defending of our sex, my mind sighs, conscious of its obligations.”<sup>7</sup>

Ainda estás aí? Posso falar-te um pouco do quotidiano aqui do Carmo e do Chiado? Do Carmo praticamente já não necessitas, pois, certamente que muitas narrativas te têm chegado do Capitão Salgueiro Maia, aquele homem de Vila Viçosa que muito jovem mas muito determinado e possuído do *eros* da fraternidade, no dia 25 de Abril, naquele Largo repleto de gente em êxtase, operou aquela mudança radical que te contaram. Já agora, a expressão que usei ao falar dos adultos que me acercaram na rua, os “sitiantes”, ouvia-a directamente da boca do nosso querido Capitão, quando este se referia na Televisão ao cerco que fez ao Presidente do Conselho daquele tempo, que nessa tarde se encontrava no interior do Quartel da GNR do Carmo. Já agora, pois, isto não podes de todo saber, deixa-me contar-te que privei muito com o Maia e que muitas vezes, em situações de decisão ética e pública “a sério” penso nele, interiorizo um dos potes da sua determinação e aí vou eu. Enfim, as minhas pequenas manifestações de coragem que comparadas com as tuas e as dele são para rir!

Deixa-me então balbuciar algumas palavras sobre certas tensões cá do sítio. Farei isto a um ritmo diferente da parte inicial da carta, mas podes ter a certeza de que a vontade de comunicar contigo e as razões dessa mesma comunicação em nada diferem do que te escrevi até este momento. Tu sabes e eu julgo saber que a República e a retórica são duas forças de aglomeração e comunicação, respectivamente, que se conjugam para realizar as melhores mediações exigíveis à coexistência de gentes, umas de carácter simplesmente plebeu, outras mais sofisticadas, outras ainda mais eruditas, segundo as mais diversas formas.

A república de que temos estado a falar, a *respublica litteraria*, sendo uma república particular (há outras igualmente particulares e importantes como aquela que tu mesma referes: *muliebris respublica*), desenvolveu uma rede muito extensa e metatópica de conexões, e existe na tradição ocidental há pelo menos 600 anos, isto se fizermos as contas a partir da notícia da primeira eclosão da expressão: “The Italian humanist writer Francesco Barbaro is reputed to have been the first

7 Laura Cereta, *Collected Letters of a Renaissance Feminist*, op. cit., p.80

to use the expression '*respublica literaria*' in 1417, when he thanked his friend Poggi for communicating to him a list of manuscripts that Poggi had found in Germany. Besides thanking him for his personal gain, Barbaro was also giving his friend thanks for working 'for the common welfare' (*pro communi utilitate*)."<sup>8</sup>

As repostas a estas inquietações... Acho importante dar-te nota de que vejo, como tu já havias visto, tremeluzir em todos os esforços de representificação da *Respublica Litteraria*, esse fundo da génese do pensamento ocidental composto da *República* de Platão, qual doutrina fundadora do "pensar e do habitar", ainda que cheia de enlevo metafísico; mas vejo também a *República* de Cícero redigida no séc. I a. C., ou ainda, *A Cidade de Deus* de Santo Agostinho, outro espaço ideal de confluência de homens e regras de co-habitação.

Porém, a meu ver, a *Respublica Litteraria*, ainda que devedora destas fontes e da tradição precedente que foi a *Respublica Christiana*, é um fenómeno civilizacional tipicamente moderno, se considerarmos com Habermas alguns dos pilares daquilo que se aceita como modernidade: Renascimento; Reforma; Descobertas. De facto, em qualquer um destes pilares encontramos traços essenciais à caracterização da *Respublica Litteraria*. Mas a conjugação destes traços e a especificidade da preservação da *Respublica Litteraria* nas suas diversas aparições não permite afirmar que sejam conceitos intersubstituíveis, claramente que não. Um dia desafio-te a escrever "a meias" um ensaio sobre este tema.

No fundo, acho que regressamos à *Respublica Litteraria* por motivos exactamente idênticos àqueles que nos conduzem para os *olhos de água* de um rio: pretende-se repristinar qualquer coisa, num misto de catarse individual e colectiva e reorientação da nossa ideia de natureza. Neste caso concreto, olhar de novo para a dimensão esquecida de comunicação e confronto (como tu fizeste vezes sem conta) que foi a *Respublica Litteraria*, profusamente composta de artistas, escritores, cientistas, políticos, outros, oriundos de diversas nacionalidades e continentes, realizando uma interpretação continuada da "fortuna crítica" deixada em aberto pelos autores das nossas *Repúblicas das Artes e das Letras*, escolhendo para tal diversos ciclos da simbolização artística e literária já realizadas.

Contudo, como se trata de interpretar e nunca de receber com ensimesmamento ou êxtase qualquer corrente espiritual do passado, este regresso à *Respublica Litteraria* é uma exigência lançada sobre a vida contemporânea, independentemente de se considerar um exagero falar de forma tão abrangente de "vida contemporânea". Não há, portanto, se era isto que estavas a pensar Laura Cereta, nenhum regresso nostálgico às eras douradas da *Respublica Litteraria* que não tem recuperação possível nem faz falta como tal. Nem há fugas ao presente, ou desdém para com as características do mundo actual, sejam as coisas interpessoais

<sup>8</sup> Paola Malpezzi Price, "Women and knowledge in Italy and Venice during the early modern period", in *Women and Knowledge in the Mediterranean*, Fatima Sadiqi, (ed.), Nova Iorque, Routledge, 2013, p.30.

(família, sociedade, trabalho), as artísticas, as filosóficas, as tecno-científicas, ou outras, tal como estas estão intrincadas no nosso quotidiano e naquilo que “podemos esperar”.

Não sendo recuperação nostálgica nem desdém pela actualidade, para que me serve então este flashback de séculos com resultados tão estruturantes daquilo que hoje gostamos de ser, mas ao mesmo tempo, sem lhe podermos extrair todos os instrumentos conducentes ao prazer da comunicação e de nos sentirmos dignos na participação de um *sensus communis* (no sentido mais elevado e kantiano da expressão), então para que serve este zelozinho civilizacional e pretensão contributo para entender mais alguma coisa do presente? As repostas a estas inquietações não são fáceis de apresentar. Porém, por analogia, podemos discutir um tema que talvez ponha a nu situações similares com procedimentos igualmente reprováveis e indolentes. Observe-se como exemplo a narrativa, de décadas, sobre a construção da democracia e toda a indolência que a envolve.

A democracia, seja como conceito de múltiplas acepções, seja como troca apaziguada ou tensional de gestos e interesses prático-morais, ou ainda, como plano ideal de troca de bens e serviços, apresenta-se a todo o instante na nossa retórica pessoal como algo erodido pelos outros, como algo que de tão congregador, nobre, promissor, se afigura ainda recuperável, passível de recuperar dos catastrofismos que por aí se escutam.

Mas, aquando da simples observação dos gestos mais anódinos entre duas pessoas que têm de partilhar algo inteiramente pertencente ou devedor dos princípios **básicos** (por exemplo, o dever da acção comunicacional e a anulação da instrumentalização do outro, sob todas as formas que possamos imaginar) que formam essa coisa que é a democracia, seja entre pessoas e instituições, seja entre instituições, lá estala todo o “verniz civilizacional”, e, a retórica que nasceu boa, faz-se substituição sofisticada e gongórica das pretensões iniciais. Perdoa-me o estilo do exemplo, Laura: troca-se mais rapidamente a tessitura retórica do que quatro pneus de um Fórmula I na Boxe! É que num instante assiste-se a uma troca dos tempos dos “eus” e das responsabilidades éticas prévia e socialmente jogadas, quais lances *performativos* no dizer de Erwing Goffman, vindo tudo por aí abaixo, não importa agora dizer a que ritmo.

E o que vem por aí abaixo?! Vem a grande incompletude do desiderato inicial, que afinal era um simples e retórico lance comunicacional montado na efervescência de um momento de intercomunicação, e que quase não incluiu ou previu os traços essenciais da resiliência da realidade, muitas vezes, a própria realidade pessoal do proponente do discurso ou do gesto referido. Ou seja, vêm as “inclinações pessoais” de toda a ordem, que todos nós conhecemos e a maior parte do tempo não referimos, teatralizando a sua inexistência ou menor importância (Goffman também explica). Vem a tremendíssima opacidade institucional e a medonha máquina de segregação de conveniências e de tempos mortos dos quais nos

servimos para criar, a partir das próprias instituições, essa soberba paisagem de distâncias interpessoais e interinstitucionais, de geometrias muito variáveis, que configuram uma das dimensões de inumanidade que François Lyotard nos apresenta no seu texto de 1988, *L'Inhumain. Causeries sur le Temps*. Por fim, vem aquilo que nos faz fortes e fracos, dependendo da frequência da manifestação desse traço essencial do homem: o *instinto de conservação*. Se este instinto se inclina mais do que o desejável para a indolência comportamental, para o jogo palaciano das reciprocidades excessivamente negociadas, só pode resultar a insensibilidade aos tempos e às aspirações dos outros.

Sabes Laura Cereta, o Carmo e o Chiado têm muitas instituições que ora debatem, ora simulam que o fazem. Até compreendo muitas das razões históricas e sociológicas conducentes a debates menos intensos (nas suas consequências reais, pois debates simplesmente intensos temo-los para todos os gostos, classes e idades). Contudo, compreendo não aceitando na totalidade, e esta pequena parte do trabalho é aquilo que presumo poder oferecer convocando este tema, abusando simultaneamente da tua paciência para desceres ao Chiado cheio de turistas e empreendedores que te poriam os cabelos em pé!

No MAC e na AAP, por exemplo, instituições com as quais tenho realizado estes projectos de produção artística e investigação sobre Artes e Literatura, debate-se muito e bem e isso vê-se na forma como têm a sua programação anual estruturada e vocacionada para todos os públicos que ali afluem diariamente, obtendo a partir das Ruínas do Carmo e do Museu com o mesmo nome uma experiência única de prazer e conhecimento .

Acho eu. Se calhar expressei-me desta forma por ter um apoio e uma consideração enormes da parte deles e neste sentido “caio com o queixinho” nos mesmos sítios dos outros a quem me dirigia há pouco, falando de “indolência comportamental”, “reciprocidades excessivamente negociadas”, “inclinações pessoais”, e outros obstáculos à desejada fluidez da *Respublica Litteraria*. Penso que tenho de rever outra vez as minhas afirmações e as minhas posições. Mas, dê lá esse exercício o que der, não restam dúvidas de que foi o espírito treinado na *Respublica Litteraria* que me permitiu fazer estas interpelações, levantar estas dúvidas sobre mim mesmo, qual epígono cartesiano-kantiano. Bom, agora estou exausto de recuar para tão longe. Carmo-Bréscia com a aspiração de atravessar 520 anos de camadas civilizacionais pelo meio é muito penoso! Não se consegue nem se aguenta num só episódio. Caso queiras conversamos por epístola em 2018. Se aceites corresponder-me nem imaginas aquilo que te proporei para debater: outra vez o fogo, mas sob formas diferentes daquelas que fiz nesta carta.

JOSÉ QUARESMA